

ESPOSENDE

REINO DE CORRUPOTOS

Não serão muitos, mas são com certeza refinados tratantes, os corruptos mafiosos ligados às mais escuras negociações que se conhecem e narram pelos centros de cavaqueira, sem que se pressintam enérgicas medidas de moralização.

Certos da impunidade e sequiosos de dinheiro, aos baldes de dezenas de milhares de contos, a «camorra esposendense» faz gáudio em exhibir compras sumptuárias, aqui e no estrangeiro, onde se diz existirem depósitos para fugir ao controlo de previsíveis devassas, logo que este pobre país se constitua em estado de direito e proceda a inquéritos honestos.

Mesmo para com aqueles que manhosa-mente colocam os bens duvidosos em nome de terceiros, — bens que ascendem a muitíssimos milhares de contos — nada lhes garante que uma avisada política que não será esta que vivemos ou uma atenta e experimentada polícia, que de momento também parece não actuar, desmascarará os «padrinhos mafiosos» desta «camorra» que perverte e amordaça o bom e laborioso povo deste concelho.

Os modelos de burla estão bem claros, quer no campo dos subornos, das luvas, do dizer *não* seguido de um *sim* através de acordos promovidos por estranhos que apresentam a altíssima factura para que todos comam grosso.

Gerou-se a mais subtil das corrupções e quem melhor se lhes podia opor não discorda, é cobardemente indiferente, ou colabora até com uma passividade que não deixa de ser criminosa.

O tempo vai esclarecer muita gente e o povo, infelizmente, quando abre os olhos e responde à sua maneira, fá-lo sempre tardiamente e já os mafiosos têm, em nome de terceiros, volumosas fortunas e riem-se deste mesmo povo que acordou tarde e da política e do país que lhes facilitou a ambição desmedida de fazer grandes fortunas em escuríssimos negócios.

É a hora mais negra da história de Esposende.

O que ainda não foi contaminado — e é a maior parte — tem de se unir e dizer basta, aos corruptos. Todos sabem quem eles são, as burlas que já praticaram, os subornos e as luvas que foram recebidas. Todos sabem quem é que aqui chegou descapitalizado, e sem proveitos palpáveis ou até recorrendo a empré-

timos, exhibe hoje faustoso luxo, faz compras sumptuárias, vive como nababo, mesmo actuando como qualquer psicopata ou paranoico!

Este concelho tem que ser disciplinado e isto só é possível com gente honesta, digna, aliando aquele mínimo de cultura que é imposta por uma sociedade europeia onde nos vamos integrar.

Temos de regressar a um convívio mais humano, mais justo, onde não haja lugar para golpadas mafiosas que afundam este concelho na desonestidade, na intriga, na desonra.

Todos os lesados devem tornar públicas as suas queixas e requerer amplo debate e inquéritos junto de quem for competente para os fazer.

É um facto que por todo o concelho já muitos são os que narram os actos da «camorra esposendense». Em tertúlias, em grupos, nos cafés, sempre onde é possível juntar pessoas se conta mais uma história, mais uma burla, mais uma desonestidade e os nomes em baila são sempre os mesmos, mas os mesmos são os que exibem comportamentos sumptuários que um rigoroso inquérito faria certamente a luz que todos desejamos.

Julgam-se em terra conquistada, a cobertura da impunidade, exibindo capas protectoras dos seus viciosos comportamentos.

Nenhuma sociedade subsistirá por muito tempo, quando a corrupção invade tão exaustivamente como acontece em Esposende. Ou vem de cima a intervenção, ou, ainda que tardiamente, são as populações a dizer basta, a seu modo, na sua linguagem.

Vem sendo norma — triste sinal dos tempos! — que tenha de ser o povo a dizer não. Quem pode e quem deve, joga com outros valores: subordina os actos e os homens às suas posições. E os interesses reais das populações não são um fim a atingir. São, muito lamentavelmente, um meio de sobrevivência, mesmo à custa de mentirosas promessas.

Ninguém, que se julgue ou afirme esclarecido, entra na jogada da «camorra mafiosa esposendense» a menos que seja atacado de obscurantismo ou de má-fé.

Quem for mentalmente sadio, estará, certamente num outro campo, onde se situam valores pelos quais ainda vale a pena lutar.

Continuaremos a esclarecer.